

A tradição da cultura chinesa e o seu desenvolvimento em Macau

*Wu Zhiliang**

Na primeira dezena de Julho do ano corrente, participei numa delegação de visita cultural, organizada pela Sociedade de Amizade da Cultura da China, do Mistério da Cultura, que me permitiu viajar ao longo da Rota da Seda até Dunhuang. Durante o percurso, senti profundamente a grandeza da cultura chinesa e fiquei bem admirado e impressionado com a imensa capacidade de sobrevivência e o imenso espírito de tolerância e abertura da cultura chinesa. Pela Rota da Seda, designadamente em Dunhuang, vislumbrei a extraordinária alva do ressurgimento da civilização chinesa no cenário mundial do século XXI.

Se se afirmar que Dunhuang é a cristalização da confluência das culturas chinesa e estrangeira, através da Rota da Seda Terrestre, e que representa o carácter de abertura da civilização chinesa e o seu contributo para a civilização mundial, Macau, como um importante entreposto da Rota da Seda Marítima, é a sua fiel sucessora e divulgadora do espírito de Dunhuang, na China moderna. Em Macau, não só assistimos ao vigor inesgotável da cultura chinesa, como também temos a interface entre a tradição e a modernidade. Em Macau, não só observamos uma contínua abertura da cultura chinesa, como também encontramos vias viáveis para a confluência entre as culturas chinesa e exterior. Em Macau, a cultura chinesa tem sido bem continuada e desenvolvida.

I

Desde a antiguidade, Macau faz parte do território chinês. Já no neo-paleolítico, os nossos antepassados começaram a movimentar-se pela zona de Macau. No final da Dinastia Song do Sul, um número considerável de pessoas da parte central do continente da China começou a povoar a zona de Macau. A partir de meados da Dinastia Ming, em que se verificou a sua abertura, um grande número de comerciantes do sudeste asiático e de Portugal vieram aqui comerciar, fazendo com que Macau se

* Historiador de Macau.

tivesse transformado rapidamente numa importante cidade portuária do sul da China. Tem sido, além de uma janela com que o antigo Império da China via o mundo, uma ponte pela qual o Ocidente tem entrado no imenso território da China. Durante os intercâmbios comerciais e culturais entre a China e o exterior, Macau tem desempenhado uma função preponderante, ao ponto de se poder afirmar que tem exercido certa influência sobre os percursos históricos tanto da China como do mundo. Por isso, ao falar em Macau, é preciso começar pela Dinastia Ming.

Qian Mu destacou o seguinte: “A Dinastia Ming constitui o início da Era Moderna da China, que coincide com o início da Era Moderna do mundo”¹. No que diz respeito à história das relações da China com o exterior, a Dinastia Ming tem sido um período muito importante de desenvolvimento e viragem. As viagens ao Mar do Oeste de Zheng He, a abertura das rotas marítimas entre os hemisférios Oriente e Ocidente e a vinda dos portugueses ao Oriente e o seu estabelecimento em Macau, tudo isto aconteceu nesta Dinastia. A partir de 1553, “A fixação portuguesa em Macau, constitui o início do comércio europeu”². Se aceitarmos o ponto de vista de Qian Mu, no sentido de que a história moderna da China teria começado a partir do século XVI, Macau seria a cidade portuária onde se verificaram intercâmbios culturais entre a China e o Ocidente, os mais estreitos, mais duradouros e mais completos, ao longo da história moderna da China. Macau, sendo uma parcela do território chinês, ocupada e habitada por ocidentais, na sua qualidade do mais antigo porto comercial aberto ao exterior, tem vivido, na pele e com todas as vicissitudes, os altos e baixos da confluência das culturas ocidental e chinesa, suas perdas e ganhos. Em certa medida, a história de Macau é o reflexo de todo o processo dos intercâmbios entre China e o Ocidente nos últimos 500 anos, que perfilam os contornos da confluência das civilizações chinesa e ocidental.

Ao longo da história de intercâmbios entre as culturas chinesa e ocidental, Macau tem sido um caso muito peculiar. Durante séculos,

¹ Qian Mu, *Acerca dos altos e baixos políticos ao longo da história da China*, Pequim, Livraria 3 Associadas, 2001, p. 102.

² Wang Zhichun, *História do Tratamento dos Assuntos Estrangeiros com afeições da Dinastia Qing*, edição anotada de Zhao Chunchen, Pequim, Livraria China, 1989, p. 361.

Macau tem sido uma via de importância vital de troca de conhecimentos entre o Oriente e o Ocidente. Foi através daqui que as matemáticas, a astronomia, a medicina, a física, a geografia, as belas artes e a música do Ocidente foram introduzidas no interior da China e pela mesma via os clássicos chineses e as teorias confucianas, nomeadamente as da Dinastia Song foram levadas pelos missionários que estavam no interior da China para a Europa, de modo a promover grandemente a Era da Razão europeia. Ao mesmo tempo, graças às ricas experiências acumuladas durante o diálogo entre as culturas oriental e ocidental, Macau tem formado o seu peculiar carácter cultural de “diferenças em harmonia e harmonia em diferenças”, dando lugar a um ambiente social de progressos comuns de culturas, religiões, crenças e etnias diferentes. Todos os processos e resultados acumulados que Macau tem vivido, no diálogo entre as culturas oriental e ocidental, nos conflitos, nas adaptações, na coexistência e na integração são experiências muito preciosas para o desenvolvimento da civilização da Humanidade, que merecem ser estudadas com maior profundidade para podermos encontrar as suas inspirações históricas e os seus significados teóricos.

Como bem destacou Ji Xianlin: “No processo de intercâmbios entre as culturas ocidental e chinesa que durou mais de quatro séculos, houve trocas, influências, desintegrações, conflitos, recusas, adaptações e rejeições”³. Mas o que nos faz reflectir é que a China e Portugal, no processo de contactos em Macau, têm mostrado uma alta consciência cultural para poder, sob condição prévia de não abandonarem as suas próprias tradições nem perderem a sua própria identidade, se entenderem e se conhecerem, com respeito mútuo, numa enorme tentativa de se adaptarem de maneira a evitar conflitos, o que deu lugar a características culturais e sociais que se traduzem em abertura pluralista, tolerância e magnanimidade, procura de semelhanças em detrimento de diferenças e coexistência pacífica. Isto tem sido a maior característica de Macau nos últimos séculos de diálogos culturais entre o Ocidente e a China e também a sua conotação mais significativa, constituindo a boa base e favorável condição com que a cultura chinesa tem sido continuada em Macau.

³ Ji Xianli, Algumas ideias sobre os intercâmbios culturais, in *Estudos sobre as culturas do Oriente e do Ocidente*, volume I, Pequim, Editora do Jornal Económico, 1997, p. 2.

II

É de conhecimento geral que na China da Dinastia Ming, a principal forma de diplomacia foi o sistema tributário. As 7 expedições marítimas ao Mar do Oeste, chefiadas por Zheng He “Mostraram o poderio da China, em sinal da sua riqueza” e visaram consolidar e desenvolver este regime. Em 1511, os portugueses conquistaram Malaca, um reino tributário da Dinastia Ming, o que constituiu um grave impacto sobre o sistema tributário da China e a liderança da China no Índico e na Ásia Marítima e desequilibrou completamente a geopolítica desta zona, marcando o início da prevalência do Ocidente sobre o Oriente. A partir de meados da Dinastia Ming, o Império chinês, em consequência das mudanças internas, no que diz respeito à diplomacia, política e assuntos militares, levou a cabo a política de proibições marítimas, que recusava os comerciantes estrangeiros. Os portugueses, após a sua chegada em 1513 à foz do Rio das Pérolas, aproveitaram-se dos insuficientes esforços das autoridades dos dois Guang na aplicação desta política proibicionista para tentar estabelecer relações comerciais com a China. Não conseguiram, devido aos poucos conhecimentos que estiveram na origem dos seus fracassos. Esta lição levou os portugueses, nas quatro décadas em que andaram “ora como piratas ora como comerciantes” pelo litoral de Zhejiang e Fujian, a prestarem mais atenção à recolha de informações sobre os usos e costumes chineses e o seu sistema jurídico, sobretudo depois da grande derrota sofrida em Liampo de Zhejiang, às mãos do implacável Zhu Wan. Os portugueses ficaram menos arrogantes e mudaram paulatinamente o seu conceito sobre a China⁴. Ficaram a perceber que a China da Dinastia Ming ainda era um país poderoso e era preciso cumprir com as leis e os ritos da Dinastia Ming e aprender a lidar com os seus funcionários e só desta maneira haveria a possibilidade de penetrarem pela China adentro. Por outras palavras, quando os portugueses se estabeleceram em Macau⁵ já possuíam bastantes experiências da China e também tinham bastantes conhecimentos sobre a cultura chinesa; doutra maneira, seria muito difícil para eles permanecerem durante tão longo tempo num Império onde “Sobre a face da terra, não há nada que não pertença ao Imperador”.

⁴ Wu Zhiliang, O conceito da China dos Portugueses no século XVI, in *O Encontro Luso-Chinês em Macau*, Fundação Macau, 1996, pp. 149-170.

⁵ Wu Zhiliang, *Segredos de Sobrevivência O Sistema Político e o Desenvolvimento Político de Macau*, Associação de Educação de Adultos de Macau, 1998, pp. 32-48.

A corte da Dinastia Ming, num momento em que as forças ocidentais chegaram à porta da China e na impossibilidade de as repelir, começou a abrir Macau para nela instalar os portugueses e isto não seria nem por acaso nem por arbitrariedade. Neste processo, houve interesses do Imperador (a procura do âmbar cinzento), interesses de Estado (a importação da arma de fogo para consolidar a defesa nacional, combater os bárbaros com os outros bárbaros e reduzir as despesas militares) e também interesses locais das autoridades dos dois Guang (aumentar a receita fiscal e reforçar a defesa marítima). A abertura de Macau seria um procedimento passivo, de meio termo, quase imposto, mas a corte de Pequim, sempre na sombra, puxou os cordelinhos de todo o processo. Macau está ligado ao continente por um istmo e fica relativamente perto dum grande empório comercial que é a cidade de Cantão. Esta proximidade facilitou-lhe o comércio. A situação geográfica de Macau é muito controlável, bastando a criação duma porta de barreira. Para reprimir qualquer irregularidade dos portugueses, bastava encerrar esta porta para cortar todo o abastecimento dos bens de primeira necessidade à cidade, o que constitui medida de defesa facilmente exequível e economicamente muito eficaz, cujo efeito era mais letal do que todo e qualquer efeito militar.

De facto, logo desde a abertura de Macau e durante toda Dinastia Ming, o Governo chinês, além de ter um controlo eficiente, no que diz respeito à soberania e à administração, não se interveio nos assuntos internos dos portugueses de Macau, deixando-os viver e criar os seus filhos em Macau. Compreendeu de maneira suficiente os seus laços sanguíneos e culturais com o Portugal metropolitano e deu certas atenções nesse aspecto. Sempre e quando os portugueses cometiam, consciente ou inconscientemente, violações contra a soberania e a jurisdição chinesa que estiveram na origem dos grandes conflitos entre chineses e portugueses é que as autoridades locais dos dois Guang tomaram atitudes mais intervencionistas.

Este singular pano de fundo da abertura de Macau deixou os portugueses fatalmente dependentes do Celeste Império; disso bem sabiam os lusos. Durante muito tempo, os portugueses observaram o princípio da “dupla lealdade”. Isto quer dizer que, por um lado, com base nos usos e costumes portugueses, promoviam uma certa autonomia interna e, por outro, não só cumpriam com as leis do Celeste Império, em obediência à jurisdição dos funcionários chineses, como respeitavam as tradições e os usos e costumes da cultura chinesa, vivendo em coexistência pacífica com os chineses e celebrando até casamentos interraciais, de que nasceram

filhos. Muitas vezes eles se gabavam de serem “vassalos do Celeste Império” para poderem prestar a sua lealdade à corte chinesa, mediante o pagamento de impostos e servirem militarmente, por exemplo, em expedições militares ajudando a Dinastia Ming a combater os manchus.

Nos três séculos da presença portuguesa em Macau, surgiam, como é natural, conflitos, condições e confrontos; no entanto, em cada situação conflituosa, os portugueses sempre tiveram bom conhecimento das circunstâncias, souberam o que fazer, sem nunca deixaram que os conflitos se transformassem em confrontos armados. Esta situação de coexistência pacífica entre estrangeiros e chineses manteve-se praticamente até após as guerras do ópio.

Pode afirmar-se que Macau tem sido a primeira zona especial de toda a China aberta ao exterior. Estava dentro da ordem política, administrativa e jurídica do império chinês, e por uma certa autonomia interna de que gozavam os portugueses residentes, foi uma cidade muito singular, que manteve um relacionamento muito particular com os governos centrais das Dinastias Ming e Qing. Após as guerras do ópio, os portugueses começaram a aplicar uma política colonial em Macau. Durante esta febre colonial, as autoridades portuguesas de Macau violaram repetidamente a soberania chinesa, prejudicando as tradições da cultura chinesa e ferindo os sentimentos do povo chinês; no entanto, tudo isto não deixou os chineses de Macau amedrontados, pelo contrário, deixou bem activado o seu espírito nacionalista e reforçada a sua identidade nacional. As autoridades portuguesas de Macau pagaram muito caro por isso. Apesar destes conflitos, os portugueses, mesmo com o Tratado de Amizade e Comércio, assinado em 1887, que lhes permitiu “a ocupação perpétua e o governo de Macau por Portugal”, foram bastaste cuidadosos ao tratar das tradições culturais chinesas e dos conflitos entre portugueses e chineses residentes em Macau. Tiveram muito cuidado em não impor a sua cultura, a sua religião e os seus valores aos chineses; pelo contrário, de acordo com os usos e costumes populares dos dois Guang, em 1909, mandaram promulgar Código de Usos e Costumes Chineses, que legalizou a poligamia, que é incompatível com a doutrina cristã e o direito de sucessão pela linha paterna.

Sob o ponto de vista de um significado político e jurídico, e rigorosamente falando, a corte da Dinastia Qing só perdeu a administração e nunca a sua soberania sobre Macau. A medição de forças entre a China e

Portugal em Macau variava conforme as circunstâncias e dentro de um certo equilíbrio. Portanto, o estatuto e a posição especial de Macau não sofreram alterações essenciais. Por outras palavras, Macau estava dentro da ordem da China e também fora dela. As suas relações com o regime chinês eram às vezes mais estreitas, outras vezes menos estreitas, mas a sua ligação vital com o corpo materno foi omnipresente; portanto, as ligações culturais dos chineses de Macau com a mãe pátria nunca foram cortadas, mesmo durante a dominação colonial. Os chineses de Macau nunca deixaram apagar os seus sentimentos nacionais, nem nunca se abalaram na sua identidade nacional, isto é, sempre se mantiveram fortemente identificados com a cultura chinesa, numa continuada coesão. Têm observado rigorosamente as suas próprias tradições culturais, que têm sido mantidas de geração em geração, o que permitiu que a tradicional cultura tivesse conservado a sua independência e a completa autodeterminação, perante a avalanche dos complexos valores das culturas vindas do exterior.

Foi graças a esta consciência cultural que resulta da convivência entre os governos chinês e português e seus respectivos povos, que a evolução histórica interna da sociedade de Macau não sofreu grandes altos ou baixos, nem muitas vicissitudes e penalidades. Aquando do tratamento de algumas crises ocasionais, ambas as partes envolvidas tiveram o bom senso de abandonar posições egocentristas e pequenas diferenças e pontos insignificantes para nunca “armar tempestades em copo de água”. Nunca se preocuparam com perdas temporárias para poderem conseguir reconciliar posições e interesses diferentes. Procuraram soluções pacíficas para as contradições, conflitos ou crises. Portanto, houve um especial segredo de sobrevivência, que tem sobressaído das práticas da sociedade de Macau, onde se encontra a tradicional sabedoria da cultura chinesa, que é ao mesmo tempo o resultado da continuação da cultura chinesa em Macau e também tem criado boas condições e um grande espaço para o desenvolvimento da cultura chinesa em Macau.

III

Como ficou dito, a partir de meados da Dinastia Ming, o Império chinês tem vindo a viver um processo de decadência. Os europeus a bordo de bons barcos e protegidos por avançadas armas de fogo chegaram à porta da China, tendo encontrado Macau como a única escolha de entrada, quando não havia mais alternativas. Esta abertura foi passiva, obrigando

a que não houvesse meio termo. Precisamente foi esta medida de meio termo que obrigou Macau a encontrar o seu próprio espaço de sobrevivência entre a China e o Ocidente, entre a tradição e a modernidade, numa tentativa de superar as diferenças e os litígios internos para formar uma comunidade de interesses comuns, que promovia esforços incessantes. Macau, apesar de ser uma sociedade de emigrantes, vindos de territórios e nacionalidades diferentes, com comunidades de línguas, dialectos, culturas e usos e costumes distintos, funciona em diversas comunidades espontâneas, ligadas por laços sanguíneos, parentais e interesses. Na vida quotidiana, estas têm-se ajudado, dentro dos interesses comuns, para poder defender melhor as suas próprias tradições e interesses. Estas comunidades, de formação natural, têm criado mecanismos coordenadores de diálogo, comunicação, respeito, compreensão, tolerância, cedência, confiança, união e cooperação, dando lugar a uma rede associativa, com grande força de coesão, centrifugação e identificação e através da integração dos interesses têm formado uma comunidade de valores, identidade e objectivos comuns. Desta maneira, durante o seu desenvolvimento, têm conseguido conciliar os interesses individuais e colectivos, nas inovações que não abandonam as tradições, o que fez com que toda a sociedade tenha funcionado numa maneira mais regular, mais ordeira, mais estável e mais harmoniosa.

Foi graças a estes motivos que Macau se tem transformado naturalmente numa cidade pluralista onde coexistem as culturas chinesa e ocidental, a antiguidade e a modernidade, a cultura e a vulgaridade. Tem formado o seu carácter cultural de tolerância, cedência mútua, compreensão recíproca e abertura, dando lugar a um ambiente social de pensamentos, culturas e crenças diferentes, onde cada uma tem o seu espaço, que está na origem de uma vida comunitária pacífica e estável, dialogante, de harmonia e entreaajuda, de confiança e de cooperação. No fundo da estrutura psicológica dos habitantes de Macau não há o radicalismo de “ou carne ou peixe”, nem as trágicas lutas selvagens. Graças a tudo isto, Macau possui um ambiente social relativamente calmo e harmonioso e tem criado oportunidades para o desempenho e o desenvolvimento do espírito de benevolência, amor fraterno, ritos e espiritualidade da cultura chinesa e tem criado terreno para o enraizamento do tradicional conceito filosófico chinês de “diferenças em harmonia e harmonia em diferenças”.

Sendo Macau uma nesga de terra, chegou a ser a única terra de paz, refúgio das calamidades do imenso território da China e das crispações mundiais. Macau com o seu amplo braço, a sua ilimitada tolerância e amor fraterno tem fornecido um espaço de sobrevivência e intercâmbio a pessoas de crenças e ideologias diferentes e tem dado, sem ostentação, ajudas altruístas a todas as pessoas necessitadas, sobretudo durante a Guerra de Resistência contra o Japão, altura em Macau aceitou tantos refugiados que o seu número foi superior a própria população local, o que põe em evidência o seu brilhante humanismo.

Sendo Macau uma nesga de terra, tem sido cenário para personalidades como Zheng Guanyin, Kang Youwei, Liang Qichao e Sun Yatsen, que prepararam a Revolução Republicana que veio a derrubar o regime imperial. Tem sido uma interface da passagem da tradição para a modernidade e tem desempenhado as suas próprias funções para as mudanças e o progresso da sociedade contemporânea da China.

Nesta nesga de terra, os interesses chineses e portugueses têm cada um o seu lugar. Os habitantes chineses e estrangeiros têm tido o seu alvo de identificação, sem nunca terem perdido a sua própria identidade. Os usos e costumes e as crenças religiosas estrangeiras e chinesas têm encontrado uma via viável de diálogo e intercâmbio, à procura de semelhanças em detrimento de diferenças e têm conseguido desenvolvimentos paralelos, o que lhe permite desempenhar a função de ponte entre a China e o Ocidente e encurtar a distância que havia entre as culturas chinesa e ocidental para se transformar na “transformadora” das relações entre o Oriente e o Ocidente.

Nesta nesga de terra não foi possível evitar a Querela dos Ritos, nem a Guerra do Ópio, tendo vivido na sua pele a humilhação da nação chinesa pelas potências. Se fizermos, porém, uma análise com a macrovisão a nível das relações entre a China e o Ocidente Macau, durante muito tempo, tem estabelecido comunicação entre pensamentos e culturas da China e do Ocidente e trocas comerciais. De certa maneira, tem sido uma zona tampão para as invasões contra a China continental pelas forças estrangeiras; tendo evitado assim maiores e mais graves impactos e sofrimentos ao mesmo tempo. Tem sido uma janela com que os chineses observam o mundo para alargar os seus horizontes de modo a promover o processo da história moderna e contemporânea da China.

Para a nação chinesa, a ocupação de Macau por estrangeiros não tem sido uma coisa de que se pode gabar. Quando se faz uma reflexão mais profunda sobre esta história que custa muito lembrar, devemos tirar as devidas lições históricas que não deixam de ser dolorosas. Simultaneamente, devemos manter um equilíbrio psicológico para podermos sair dos sentimentos pessimistas históricos para podermos ter o respeito próprio e a confiança própria que nos permite obter uma percepção racional sobre a posição e as funções que Macau manteve durante o processo de abertura da China e os seus intercâmbios com o exterior, de modo a ter conhecimento do processo dos conflitos políticos e culturais entre a China e o exterior, dentro de conciliação e integração e o panorama humano e o carácter social de tolerância e harmonia daí resultantes, e reconhecer a importância e os grandes contributos que Macau tem dado nos intercâmbios entre as civilizações oriental e ocidental, na comunicação, na compreensão mútua e no respeito para podermos pôr em evidência os valores e os significados que culturas diferentes têm adquirido em termos de experiências da coexistência pacífica, tolerância e desenvolvimento para os progressos da civilização da Humanidade.

Estamos orgulhosos de que recentemente o centro histórico de Macau foi admitido na lista do Património Cultural do Mundo. Isto significa que a experiência histórica de longa data de Macau tem obtido finalmente o seu reconhecimento universal. Também significa que o modo de vida e o harmonioso modelo de gestão comunitária está sob a atenção do mundo. Isto evidencia que a nossa tradição cultural de “diferenças em harmonia e harmonia em diferenças” reveste-se de um valor universal para o desenvolvimento da civilização da Humanidade. O nosso maior orgulho reside em que, sendo o centro histórico de Macau o 31.º património da Humanidade dos já classificados da China, denota que o espírito de abertura e tolerância que caracteriza a magnânima civilização chinesa, está cheio de vigor, está desenvolvido e concretizado em Macau, mediante o princípio de “Um país dois sistemas”. Realça que em Macau foi encontrada a interface de intercâmbio civilizacional e comunicação com o exterior. Macau constitui, no mundo de hoje onde imperam conflitos e violências constantes, em consequência de interesses económicos, valores ou crenças diferentes, um exemplo para a coexistência pacífica, o desenvolvimento pluralista e os progressos comuns entre etnias, culturas, religiões e crenças diferentes. Estas experiências, modelos, valores e exemplos têm significados transcendentais para a reunificação da nossa mãe

pátria, para o ressurgimento da nação chinesa, para a criação duma sociedade harmoniosa, para a integração da cultura chinesa na comunidade internacional e para o seu ressurgimento pacífico, perante as vagas da mundialização e para o desenvolvimento da civilização da Humanidade.

